

Vida

Tilly



Um romance de
Frank E. Peretti

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



TILLY

um romance

Frank Peretti

Título original: Tilly
Tradução: João B. Batista
Capa: Joe Van Severen
Editora Vida, 1989
ISBN 0-8297-1645-6
Categoria: Romance bíblico

Digitalização: SCS



Contracapa

Kathy olhou novamente para a pedra tumular. Agora ela podia ver com clareza. Trazia um único nome: Titty. Ela não conseguia nem queria desviar os olhos. Abaixando-se para enxergar melhor, viu apenas uma data. Nove anos atrás.

Kathy e Dan Ross é um jovem casal semelhante a muitos outros. Ninguém jamais poderia imaginar os segredos que lhes corroíam a alma, até Kathy ser cativada por um simples nome numa pequenina pedra tumular. A partir de então suas vidas mudaram para sempre.

Tilly é um romance comovente, uma inesquecível história do amor e do perdão de Cristo, extraída da vida real.

Sumário

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

Ao elenco original de "Tilly" ...
um audiodrama, 1986





A primavera tinha voltado, como sempre volta, sorridente, graciosa e reconfortante. A mesma antiga primavera. Em nada diferente das demais. Era um dia muito alegre. Brisas suaves, ar fresco — resquícios do inverno que custava a desaparecer — brincavam no gramado do velho cemitério, carregando o aroma das flores e da grama recém-aparada. De algum lugar entre as fileiras ordenadas de túmulos cinzas e arroxeados, pássaros chilreavam com gosto.

Primavera. Ei-la de novo, pensava Kathy. Ela invade este lugar. O mundo se mostra cheio dela. A temperatura devia estar mais alta.

Ela, porém, sentia frio, e estava um pouco inquieta enquanto, em pé, segurava o braço de Dan e ouvia as palavras finais do pastor Taylor.

"... visto que o Deus Todo-poderoso levou para si a alma de nosso irmão falecido, entregamos a casa terrena da sua morada de volta à terra de onde veio; terra volta à terra, cinza volta à cinza, pó volta ao pó..."

O pastor Taylor estava lendo num livrinho, mas proferia as palavras lentamente, primeiro digerindo o significado, para então partilhá-las em voz alta.

"... na certeza de que se a casa terrena de nosso tabernáculo for dissolvida, temos um edifício de Deus, uma casa feita não por mãos, eterna nos céus..."

É tão solitário aqui fora, pensava Kathy.

Eram apenas três os que estavam de pé em volta de um caixão simples e cor de cinza, adornado com uma única coroa de flores. Quase nem se podia notar o pequeno culto à beira do sepulcro, e a voz do pastor Taylor não ia longe.

"Oremos", disse ele.

Fizeram, os três que ali se encontravam, a oração do Senhor.

O pastor Taylor fechou o livrinho e ergueu os olhos.

— E com estas palavras encerramos o culto fúnebre.

A seguir sorriu, respirou fundo e se descontraíu um pouco.

— Agradeço a vocês dois o terem vindo.

— Pode contar conosco, pastor Taylor, sempre que precisar — respondeu Dan.

— Foi um prazer — disse Kathy.

O ministro olhou de novo para o caixão.

— Vocês chegaram a conhecer o Frank Smith?

Dan sacudiu a cabeça, negando.

— Não, Pastor, não o conhecemos. Eu apenas comprava os jornais na banca dele. Nada mais.

O pastor Taylor olhou para eles, e então examinou o cemitério que os cercava. Dan e Kathy também podiam sentir o espaço aberto, a grande distância que ia até bem longe, de todos os lados.

O ministro disse:

— Realmente significa muito vocês terem vindo. Apesar de não ser muito grande o conhecimento que temos de Frank, teria sido uma vergonha ele ser sepultado sem luto ou lembrança.

— Bem — disse Kathy, — alguém tem de se importar, mesmo que seja com um estranho.

O pastor assentiu com a cabeça e sorriu.

— Obrigado por se importarem.

Sua voz era sincera. Kathy sentiu calor pela primeira vez.

— Obrigada pelo lindo culto — disse ela.

O velho zelador do cemitério estava a alguma distância, ao lado do seu caminhão. O pastor Taylor aproximou-se dele a fim de acertar os detalhes finais; Dan e Kathy começaram a atravessar o cemitério na direção do seu carro.

— Sim — disse Dan tranquilamente —, o bom e velho Frank Smith. Vou sentir falta da sua banca de jornais.

— Foi triste — disse Kathy. — Foi o culto fúnebre mais curto a que já assisti.

— Bem, a vida é mesmo assim. As pessoas são ocupadas, não o conheciam, têm outras coisas para fazer...

— Será que sentirão falta dele?

— Acho que sim. Por algum tempo. Continuaram a caminhar em silêncio. Então Dan expressou seu pensamento seguinte.

— Ele morreu sozinho, com toda certeza. Parece que o encontraram no seu quarto de hotel.

— Não... basta...

Dan mudou de assunto. Ele a cumprimentou.

— Estou contente por termos vindo. Foi uma boa idéia.

Ela sorriu e aceitou as palavras dele, mas teve de dizer novamente:

— Foi triste.

— Sim — concordou ele. — Foi.

Enquanto procurava a chave do carro, acrescentou:

— Olha o que vou fazer. Eu podia ir buscar o carro e apanhá-la lá perto do...

Kathy apertou o braço dele. Ela estava olhando para o cemitério. Dan calou-se rapidamente.

Agora ele também podia ver a mulher, jovem, morena, e muito atraente, logo depois de uma fileira de monumentos envelhecidos. Ela estava ajoelhada na grama, flores nas mãos, a cabeça curvada em oração. Ela se encontrava imóvel, e a cor do seu cabelo, das flores, da grama, tudo era tão perfeito. O quadro fez que estacassem.

Kathy ficou maravilhada.

— Que coisa mais linda! — murmurou.

Dan sacudiu a cabeça.

Ficaram a observar a cena. A mulher mexeu-se apenas o suficiente para colocar as flores na sepultura.

— Faz-nos indagar que tipo de história esta por trás do quadro — disse Kathy. — Um marido que morreu prematuramente, um filho ou um irmão perdido na guerra... — Ela sorriu. — Está-se recordando.

Dan, espantado de ver Kathy caminhar em direção à mulher, tentou detê-la.

— Ei... ei... ora...

Kathy escapou dele.

— Não me segure. Não vou fazer nada.

— Kathy, tenho certeza de que neste momento aquela senhora não quer visitas.

Kathy se ofendeu.

— E não vai ter visita alguma. Eu só quero ver a pedra tumular, só isso.

Ela se afastou e Dan permaneceu parado. Tudo o que podia fazer era observar e esperar que nada de terrível acontecesse.

Kathy caminhava devagar. Podia ouvir a oração abafada da mulher, uma súplica suave e implorante, quase murmurada, e às vezes adoçada pelos tons claros e serenos da sua voz. Ela parecia tão perdida em oração, e de tal maneira esquecida do que havia à sua volta, que Kathy, não querendo despedaçar o momento, sentiu vontade de se afastar. Mas decidiu ter um pouco mais de cuidado.

Ela podia ver apenas o canto da pedra por cima do ombro da mulher, mas o reflexo do sol ofuscava a inscrição. Mais perto. Quieta. Um pouquinho para um lado. Aí.

Agora, podia ver o nome.

— Tilly.

O nome escapou-lhe dos lábios. Um nome que lhe tocou o coração, e chegou-lhe aos lábios antes que pudesse impedi-lo. Ela pensou que ninguém conseguiria ouvir um sussurro assim tão leve.

Mas a mulher o ouviu. Assustada, ela olhou para Kathy, os olhos escuros cheios de

apreensão.

Kathy sentiu-se trespassada de vergonha. A mulher voltou os olhos para o túmulo. E começou a tremer.

— Não... — Kathy tentou dizer, afastando-se de costas. — Não... Está tudo bem.

Kathy esbarrou em Dan.

— Desculpe-nos — disse ele, com irritação na voz. — Estávamos saindo.

A mulher não os fitou. Agora, suas mãos cobriam o rosto.

Kathy tentou travar amizade.

— Quem..., quem era Tilly?

A mulher deu um salto, como um animal apavorado, espalhou as flores e fugiu, correndo desesperada, como se para salvar a própria vida.

— Espere! — gritou Kathy. — Não queríamos fazer-lhe mal. Não fuja!

A força com que Dan segurou o braço de Kathy quase a machucou.

— E agora? Não consigo acreditar no que você fez!

Parecia que Kathy simplesmente não conseguia consertar o terrível erro.

— Vamos embora agora mesmo! — clamou ela.

Dan disse, em voz baixa:

— Kathy, esqueça-se da mulher. Chega!

Kathy desistiu. A mulher tinha ido embora. O dia estava arruinado.

— Não me sinto bem.

Dan teve de fazer um esforço para ser compassivo.

— Bem... Kathy, eu esperava que você percebesse ser aquele momento muito íntimo para ela.

— Eu a espantei, Dan. Eu a apavorei, e não tinha nenhuma intenção de fazê-lo.

— Oh... — Dan lutou para encontrar uma resposta que a acalmasse. — É... ah... emoções, você entende. Num lugar como este, muitas emoções vêm à tona.

— Você percebeu o rosto da mulher, ao me ver?

— Bem... quem sabe o que ela estava pensando? É tudo emoções...

Kathy olhou para a pequena pedra tumular. Agora podia vê-la claramente. Continha só aquele nome: Tilly.

Tilly. Ela não conseguia desviar os olhos da sepultura. Nem queria desviá-los. Em alguma parte diferente do mundo, Dan ainda estava falando, dizendo algo acerca do almoço, do carro, do restante da tarde. Mas Kathy estava olhando para a pedra.

Tilly. Qual a data?

Kathy abaixou-se para olhar. Uma data apenas. Apenas uma. Nove anos atrás.

— Kathy... — a voz de Dan chegou-lhe aos ouvidos. Agora ela o ouvia. — O que você está fazendo?

Kathy não tinha explicação, e não conseguiu encontrar uma plausível.

— Tilly. É só isso o que diz a placa.

Dan só conseguiu murmurar:

— Humm.

— E apenas uma data. Vê aqui?

Dan suspirou e permaneceu alguns instantes em silêncio.

— Acho que, como você estava dizendo, deve haver uma história e tanto por trás dessa data. É nisso que você está pensando?

Era.

— Oh... oh não, não —. Ela olhou para a pedra de novo. — É que... É... Não sei.

Ela podia ouvir as chaves do carro tilintando no bolso dele.

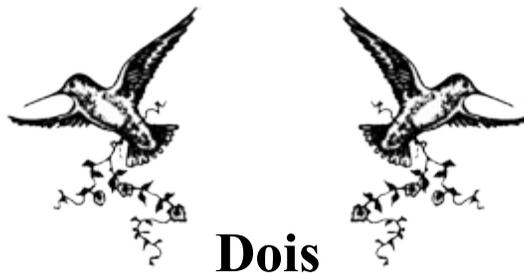
— Eu vou buscar o carro. Você pode encontrar-se comigo lá, perto da...

— Acho que ficarei aqui mesmo.

Dan calou-se por um instante incômodo e demasiadamente longo. Ela o cutucou.

— Pode ir. Eu permanecerei aqui, ainda.

Ele não disse outra palavra. Ela ficou a ouvir os passos de Dan que morriam à distância.



Dois

Dan virou-se na cama e olhou para o relógio digital na mesinha de cabeceira. Uma e meia da madrugada — e onde estaria Kathy? Não percebera quando ela se levantou. Ela havia desaparecido novamente, como muitas vezes antes. Ele deitou-se de costas e ficou a olhar para o teto, o punho na testa. Será que devo levantar-me e ir procurá-la? E se ela gritar comigo de novo? E se nos irritarmos um ao outro outra vez? Rapaz, isso simplesmente não valeria a pena. Quem sabe se eu devo me esquecer de tudo, deixar a coisa passar, e apenas tentar manter a paz.

"Senhor", sua voz era metade sussurro e metade oração, "temos aqui um enorme problema, e eu simplesmente não sei o que fazer."

Permaneceu deitado pensando apenas mais uns instantes. Atirando as cobertas de lado, baixou os pés no chão, calçou as sandálias e apanhou o roupão numa cadeira ao lado.

O corredor estava escuro, mas via-se uma pequena fresta de luz por debaixo da porta do seu escritório. Tinha de ser Kathy.

Dan empurrou a porta, abrindo-a devagarinho. Sim, lá estava ela, encolhida na poltrona à luz do abajur da escrivaninha, um grande livro no colo e lágrimas no rosto. Ela não percebeu a sua entrada.

— Kathy?

Ela levou um susto. Virou rápida a cabeça para o outro lado, freneticamente tentando enxugar as lágrimas.

— Você está bem?

A pergunta pareceu incomodá-la.

— É claro que estou bem.

Dan hesita em entrar. Sua mente continua a dizer-lhe que seria melhor ele abandonar esta enrascada.

— Posso entrar?

Ela não respondeu. Depois de algum tempo ele resolveu entrar, e sentou-se de mansinho na cadeira ao lado da escrivaninha, não muito longe da poltrona de Kathy. Agora Dan punha-se de frente para sua esposa, que não podia desviar o rosto.

Ela continuou a limpar o rosto na manga do roupão.

— Eu não estava chorando.

Dan desistiu do assunto. Ele apenas fitou-a por um momento muito difícil e silente. Percebendo que estava batendo os dedos na escrivaninha, parou-os.

— Posso fazer alguma coisa?

Dizer o que desejava não causaria problema. Kathy descontraíu-se um pouco e até mesmo enxugou outra lágrima sem tentar escondê-lo.

Dan temia que a conversa houvesse terminado até que ela finalmente disse:

— Sinto muito, Dan, eu realmente não quero ser desta maneira.

— Eu sei.

— Você e as crianças devem estar pensando que eu sou horrível...

— Não, não, Kathy, não estamos. Mas *estamos* preocupados. Já faz uma semana.

Kathy esfregou os olhos e o rosto exasperada.

— Eu vou melhorar. Só que eu preciso de algum tempo, é só isso.

— Eu acho que você precisa é de dormir.

— Dan, eu não consigo.

— Oh, eu sei. Mas isso também me preocupa. Você devia ver a si mesma. Você tem a aparência de...

— Por favor, não me fale da minha aparência!

Dan bateu em retirada. Até levantou a mão, como se em defesa própria — então percebeu o gesto, e baixou-a imediatamente.

Não. Ele não podia perdê-la novamente; não podia deixar que a esposa entrasse em seu abismo particular e o trancasse de fora. Ele se sentia como se estivesse prestes a chorar também.

— Kathy... — disse ele calmamente, mas desesperado — eu a amo de verdade. Eu quero que você tenha certeza disso.

Ela olhou para Dan. Talvez pela primeira vez.

— Você me ama de verdade?

Dan levantou-se da cadeira e sentou-se na poltrona ao seu lado, colocou o braço em torno do seu pescoço e a puxou para si. Ela acolheu o carinho — e o sorveu, descansando contra o seu corpo.

— Eu realmente a amo — disse Dan. — De verdade.

— Você acha que sou uma boa pessoa?

— Você é a melhor pessoa que há.

Os lábios dela começaram a tremer, e sua cabeça descaiu.

— Ora, deixe disso — disse Dan.

Ela se estremeceu com o seu primeiro soluço.

— Eu sempre quis ser boa. Sempre tentei.

Ele lhe tocou a face.

— Você é uma pessoa maravilhosa. Eu não mudaria nada.

Ela se apegou a ele sem dizer nada. Tudo bem. Ele sabia como amá-la, e sentia-se à vontade fazendo-o. Não precisavam de mais palavras, apenas de passar mais tempo juntos. E ela parecia descansar com maior facilidade.

Ele notou o livro grande ainda no colo da esposa.

— O que é que você tem aí?

Kathy olhou para o álbum.

— Um álbum de fotografias.

Ele o pegou e o abriu. Teve de sorrir.

— Gente!, aqui temos histórias de verdade.

Kathy interessou-se um pouco mais pelo álbum. Eles dois já tinham visto essas velhas fotografias muitas vezes antes, mas esta noite o só olhar para esses rostos interessantes, sorridentes, trazia cura. Como sempre, não parecia ter passado tanto tempo assim.

A pequena e loira Amy e seu novo carrinho. O ativo Bruce com um troféu de futebol. Tommy mostrando o último dente arrancado.

Algumas páginas atrás encontraram uma velha festa de Natal, e as crianças eram ainda menores.

— Quantos anos tinham quando tiramos esta?— perguntou Dan.

— Esta foto foi tirada em nossa antiga casa em Hoodsport. Bruce devia ter três anos, e Amy apenas dois.

— E Tommy?

— Acho que eu ainda estava grávida dele.

Dan virou a página.

Kathy, olhando para uma foto não muito lisonjeira, deu uma risada.

— E como estava!

Dan começou a rir também.

— Você estava mesmo.

Então sacudiu a cabeça.

— Olha só para estas criancinhas! Agora Bruce está na faculdade, Amy no ginásio, Tommy é um...

— Um moço de quinze anos de idade!

— Sim, correto.

Riram-se os dois, e o riso serviu de alívio para ambos.

— Já dissemos o suficiente.

Ficaram sentados juntos por alguns instantes, desfrutando a companhia um do outro, o

passar do tempo tranquilo e pacífico.

— Você tem pensado muito nas crianças ultimamente?

— Oh, eu sempre estou pensando nas crianças.

— Bem, sim, mas...

— Mas o quê?

— Bem, hoje é o álbum de fotografias, a noite passada você cavou os brinquedos antigos, e não se lembra de que passou toda a noite de terça sentada na sala de costura?

— É um lugar tranquilo.

Dan percebia o perigo aumentar mesmo ao fazer a pergunta.

— Bem, a sala de costura era o berçário, lembra-se?

Kathy permaneceu em silêncio. Agora Dan sentia-se incomodado. Talvez tivesse falado demais.

— Eu estava apenas... você sabe...

— Fui uma boa mãe?

Dan falou diretamente a ela, com sinceridade.

— Querida, você foi uma mãe excelente. Você ainda é uma mãe excelente. Todas as crianças se saíram muito bem.

— Fiz tudo direito?

Logo a dor ainda estava presente. De modo que teriam de continuar a falar.

— Querida, na verdade, depois de tudo o que aconteceu, você não tem nada do que se arrepende. Você não tem de voltar ao passado e fazer nada de novo.

Alguns instantes depois, de repente Kathy fechou o álbum.

— Acho que agora vou para a cama.

A conversa havia terminado. Dan sentia-se aliviado.

Kathy levantou-se do sofá e Dan permaneceu perto dela. Voltaram para o quarto como um casal.

— Obrigado por me amar — disse ela.

— Jamais se preocupe com isso — respondeu ele.

Lá pela madrugada, Kathy finalmente caiu num sono intermitente. Dan não conseguia lembrar-se de ter adormecido.



Três

Faz anos que não uso esta navalha, pensava Dan, mergulhando-a na pia, na esperança de que ainda estivesse afiada. É só não fazer barulho, pensava ele, não importando o esforço. Que a mulher continue a dormir.

A lata de creme de barbear cuspiu e espirrou na sua mão. O creme era fraco. A tampa da lata estava começando a enferrujar. Espero lembrar-me de como usar essa coisa.

Ele se sentia cansado, irritado, e seus pensamentos esta manhã não eram totalmente claros, mas eram claros o suficiente a fim de realizar o programa que tinha para hoje. Ele havia tomado a decisão no instante mesmo em que a luz do dia começou a entrar pela janela.

De modo que aguentarei a dor, pensava ele, ou qualquer coisa que seja necessário — já não me importo. Vamos solucionar esta coisa.

Ele ouviu passos fora do banheiro. Seria Amy? Ela se levantou cedo hoje.

Ela bateu bem de leve na porta.

Ele sussurrou:

— Amy, não faça barulho. Sua mãe está dormindo.

A porta abriu-se e Amy olhou para dentro do banheiro. A Dan ocorreu o pensamento de que ela pouco se parecia com a foto do bebê que tinham visto na noite passada... ou, pensando bem, esta manhã.

— Ela está *dormindo*? — perguntou Amy com um sussurro, os olhos azuis enlarguando. — Você deve estar brincando!

— Diga para o Bruce e o Tommy não fazerem barulho. Não quero que ela acorde.

Um estranho sorriso tocou-lhe os lábios.

— É por isso que você está usando seu velho aparelho de barbear?

Ele já havia dado algumas raspadas bem-sucedidas.

— O barbeador elétrico é barulhento demais.

Então Amy fez uma careta.

— Que chato! E o rádio de Tommy?

— É claro que ele terá de se virar sem o rádio esta manhã. Por que você não entra lá de mansinho e não o tira da tomada?

A idéia pareceu-lhe boa.

— Está bem.

— Oh, Amy...

Ela se deteve e enfiou de novo a cabeça no banheiro.

— Escuta, eu tenho de correr. Você poderia apressar o Tommy e então levá-lo à escola? Eu não vou passar por lá.

— Você não vai trabalhar hoje?

— Não, eles terão de cuidar de alguns empreendimentos imobiliários sem a minha presença. Tenho de tratar de outras coisas. Você pode fazer isso para mim?

— Claro.

— E não sei o que vai acontecer comigo ou com sua mãe hoje. Ela precisa dormir, e não sei quando estarei de volta...

Amy baixou a voz ainda mais e encostou-se no portal.

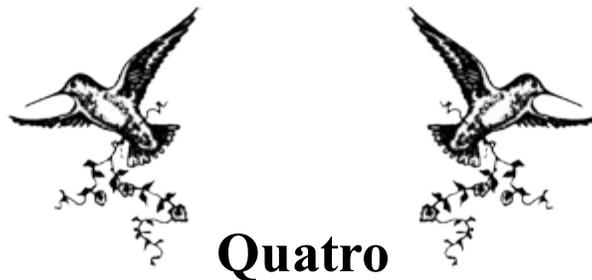
— Está tudo, bem... está tudo bem?

Dan não queria mentir, mas pensou antes de responder.

— Estamos tratando de algumas coisas. Tudo vai ficar bem.

Amy estava para fazer outra pergunta, mas de repente ouviram um motim no corredor. O rádio de Tommy.

Amy desapareceu tão rápida como um relâmpago, e Dan estava livre.



Quatro

Kathy esperava que o som se desfizesse e ela pudesse voltar a dormir, deitada na cama grande, imóvel, pesando toneladas, esquecida do mundo. Imaginava seus sonhos a lhe passarem pela cabeça, primeiro deste modo e então daquele, de um quadro para outro, sem sentido nem razão. Era uma fuga perfeita, uma perfeita inconsciência. Podia permanecer nesse estado para sempre.

Mas lá estava o som novamente. Oh, ele desaparecerá. Simplesmente continuarei a sonhar.

Agora o som entrava nos seus sonhos e deles saía. Era uma invasão. Era desagradável. Era... era rude!

Vamos, vamos ver o restante deste sonho. Onde foi que paramos?

O som de novo. Crianças. Era isso. Crianças!

Eu não tenho filhos pequenos. E não mora ninguém no bairro com filhos pequenos. Devem fazer parte do sonho.

O vozerio parecia o de um parque de diversões. Centenas de vozes, agudas, gritando, gargalhando.

Eu não estou acordada, pensou Kathy. Não acordarei. Vocês não podem fazer isso comigo.

Ela podia sentir o travesseiro. Movendo uma das mãos, apalpou o lençol com os dedos. Estava acordada.

E havia crianças brincando debaixo da sua janela!

Isto significa que não posso estar acordada. Ainda faz parte do sonho. Não é possível que haja crianças no meu quintal.

Ela permaneceu alguns instantes deitada. Estava acordada. Tinha certeza de que estava. Tudo no quarto estava no seu devido lugar. Ela podia ouvir as crianças lá fora. Agora ela estava ficando com raiva, indicação de que tinha de estar acordada.

Essas *crianças* me acordaram! Não posso acreditar nisto, não posso — eu não pedi isto, não o mereço, alguém vai se dar muito mal!

Ela rolou para fora da cama e pôs-se de pé, um pouco tonta. As cortinas estavam fechadas, e uma luz fosca e difusa iluminava o quarto. Que horas seriam?

Onde estava o relógio? Ela se apoiou na cama, tentando conseguir um vislumbre do pequeno relógio digital na mesinha de cabeceira. Não se encontrava lá. Dan deve tê-lo posto em outro lugar. Talvez Tommy o tenha tomado emprestado. Falaria com eles mais tarde.

Ela abriu um canto da cortina. A luz feriu-lhe os olhos, e ela os fechou. Era uma luz cegante. Ela pensou ter visto *algo* lá fora, algo em movimento... Mas teve de fechar as cortinas. Agora havia manchas arroxeadas na frente dos seus olhos. Ela tateou à procura do roupão e dos chinelos e se dirigiu à porta.

Ela sentiu um toque de medo, um aperto no estômago. Seus olhos doeram de novo. O corredor jamais tinha tido esta aparência, tão brilhantemente iluminado. A luz do sol — se fosse a luz do sol — derramava-se para dentro da casa através de todas as janelas, de todos os lados. Ela parou na soleira da porta, sem saber se dava outro passo.

— Dan?

Nenhuma resposta.

— Amy?

A casa ainda estava calma e silenciosa — com exceção daquelas crianças lá fora.

Seus olhos se acostumaram com a luminosidade. O medo se foi de modo tão tranquilo que ela, nem ela mesmo, percebeu sua partida. Ela começou a andar pelo corredor, olhando no banheiro, na sala de costura, no quarto de Amy. Não havia ninguém em casa.

A raiva aumentou de novo. Todos haviam saído e a haviam deixado a sós com este problema, esta invasão, este rude despertar! Ela marchou resolutamente para a cozinha, rodeou a geladeira... e então afrouxou os passos e parou na frente da porta de vidro de correr. A brilhante luz do dia entrava em torrentes, e ela teve de apertar os olhos de novo, mas desta vez conseguiu enxergar tudo.

E não conseguia acreditar no que via.

Do outro lado da porta, além do pátio, estavam todas aquelas crianças brincando — *centenas* delas! Kathy levou a mão à testa para ensombrear os olhos. Ela não conseguia divisar os limites do quintal, nem podia ver a cerca dos fundos. Tudo o que conseguia ver era aquele mar de crianças pequenas, vivazes, ativas e móveis.

Depois de segurar a maçaneta por alguns instantes, Kathy criou coragem e abriu a porta.

Pareceu que as crianças não a notaram ou não se importaram com a sua chegada. Simplesmente continuaram a brincar, a correr, a jogar bola, a pular, a subir nas árvores frutíferas e a fazer uma balbúrdia terrível.

Kathy deu alguns passos à frente. Debaixo de todos aqueles corpinhos em movimento havia um gramado suplicando misericórdia. Ela tinha de pôr um paradeiro nisto tudo.

— Ei!

Algumas crianças finalmente a perceberam. O restante tinha corridas para vencer, bolas para pegar, adversários para encontrar, árvores para subir.

— Ei!

O silêncio que começara na frente da multidão moveu-se para trás, o tumulto recuou como a maré. Agora centenas de olhinhos fixavam-se nela, prestando-lhe atenção quase total. Se Kathy não estivesse zangada demais, ter-se-ia impressionado com a cortesia deles.

— O que é que vocês estão fazendo no meu quintal? — perguntou, elevando a voz por causa da raiva, e também para fazê-la chegar às fileiras de trás. — Vocês sabem, estão bem debaixo da janela do meu quarto e eu estava tentando dormir! Agora quero que todos vocês... bem...

As palavras escaparam-lhe da mente e ela não conseguia reencontrá-las. O que estava fazendo? Ela... bem, ela estava falando com uma multidão de crianças, todas no seu quintal, e parecia não haver motivo algum para isso.

As crianças ainda estavam atentas, esperando que ela falasse de novo. Kathy teve de examiná-las e seu olhar foi desde o punhado que jogava futebol à esquerda, aos que brincavam de amarelinha à direita, desde os rostinhos gordos na frente aos trepadores na árvore, bem no fundo. Eram crianças de verdade. Tinham a aparência de um grupo qualquer de crianças em algum "playground" escolar. Eram brancas, morenas, orientais, pequenas, grandes, bonitas, feias, tímidas, exuberantes — havia de tudo.

Só uma coisa estava realmente errada: as crianças lhe davam toda a atenção.

Kathy conseguiu encontrar algumas palavras e, antes que perdesse o precioso momento, proferiu-as rapidamente, aos tropeções.

— Eu... Eu quero saber de onde vocês vieram, digam-me apenas isso.

Um pequenino na frente respondeu rápida e claramente.

— Nós moramos aqui.

Não, não. Essa resposta não satisfazia de modo nenhum.

— O que você quer dizer com *moramos* aqui?

Uma garotinha de pele escura repetiu a resposta, totalmente satisfeita com ela.

— Nós moramos aqui.

Um menino alto e magro concordou com eles, dizendo:

— Sim, todos nós moramos aqui.

Kathy sacudiu a cabeça e levantou a mão a fim de impedir que continuassem a dar respostas desse tipo.

— Não, não; agora ouçam o que vou dizer. Esta casa é *minha*, este quintal é *meu*, e vocês não moram *aqui*!

Uma garotinha loira chilreou:

— Moramos *em torno* daqui.

Os outros que ouviram a resposta da pequena sorriram, pensando que essa explicação esclareceria tudo.

Mas para Kathy não esclareceu nada.

— Bem, duvido disso! Jamais vi algum de vocês neste bairro antes, muito menos *a todos* vocês. Vocês vieram aqui da escola ou de outro lugar qualquer?

Agora eles simplesmente se entreolharam, sem entender. Kathy indicou que o menino

alto e magro respondesse.

— Meu rapaz, eu lhe fiz uma pergunta!

Ele a olhou de relance pela segunda vez e perguntou:

— Eu?

— Sim, você! Qual o é seu nome?

— Meu... meu nome? — perguntou ele.

Kathy não conseguia acreditar no que ouvia. Ela o havia confundido.

— Você ouviu o que eu disse!

Com grande esforço, ele começou a pensar. A seguir, olhou para seus amigos, procurando ajuda. Um garotinho sussurrou-lhe algumas sugestões.

— Bem — finalmente ele respondeu — eu acho que não tenho nome.

As crianças ao seu redor deram risadinhas espremidas.

Kathy não achou a resposta engraçada. Considerou-a rude e malcriada.

— Bem, então talvez eu tenha de conversar com os seus pais. Você quer que eu faça isso?

Essa sugestão não pareceu intimidá-lo; pelo contrário, confundiu-o novamente. Ele olhou para os amigos que sussurraram algo, sacudindo a cabeça e dando de ombros.

Ele olhou para Kathy, sentido por ter de lhe dizer:

— Eu não tenho pais, Dona.

Kathy estava prestes a explodir.

— Você é um atrevido...

— É verdade, Dona! — implorou a loirinha. — Não temos pais!

— Nenhum de nós tem —, disse o seu amiguinho preto.

Muito bem, loirinha, já que você parece saber tanto...

— E quem é você?

— Eu sou... bem, eu sou eu.

O amiguinho dela tentou ajudá-la.

— Às vezes nós a chamamos de Olhos Azuis.

Kathy apontou o dedo bem para o narizinho dela.

— Eu quero saber o seu *nome!*

A menininha respondeu, suplicante:

— Eu também não tenho nome.

Kathy estava começando a acreditar no que ouvia, e isso a deixava nervosa.

— Todos vocês não têm nome... não têm pais?

Acenaram com a cabeça, disseram que sim, e concordaram. Sentiram-se aliviados porque ela finalmente estava começando a compreender.

— Mas isso não faz sentido algum, e vocês sabem disso... e eu *ainda* não sei de onde vocês vieram!

— Bem — um pequenino valente aventurou-se — estávamos também perguntando de onde a *senhora* veio.

Todos concordaram com a observação dele.

Não estou fazendo progresso nenhum, pensou Kathy. Se isto continuar assim por mais tempo, ficarei louca.

— Muito bem — gritou ela acima da balbúrdia dos meninos — chega! Agora quero que todos vocês, e não me interessa quem sejam, saiam do meu quintal, neste instante! Saiam, agora!

A maré de corpinhos foi-se afastando e o gramado começou a reaparecer. As crianças não pareciam indignadas nem desrespeitosas por terem de sair. Obedeceram de imediato, fluindo para fora do quintal em todas as direções.

Kathy ainda tinha um pouco de raiva que queria botar para fora.

— Ei, vocês dois aí! Dêem no pé! E vocês na árvore, desçam daí antes que quebrem um galho! Vão-se embora!

As crianças caíram da árvore como um fruto maduro e se espalharam, todas.

Kathy apoiou-se na cerca do pátio. Pelo menos era algo sólido, algo que podia usar a fim de se orientar num mundo real — se o mundo fosse real. O que ela acabava de ver e ouvir não podia ser racional, mas tudo o mais parecia real. O pátio estava lá, como sempre, como também estavam a casa e o quintal. Ela não se sentia tonta nem bêbada nem drogada. Tinha certeza de estar de posse de suas faculdades mentais.

Deve haver uma explicação, disse a si mesma. Não passa de uma coisa muito estranha. Aposto que Dan está preparando um superesquema de promoção, e se esqueceu de me falar a respeito. De qualquer modo, tenho estado tão fora da realidade que é possível que ele me tenha dito e eu não o ouvi. É isso. Quando ele chegar, ficarei sabendo.

Ela pegou na maçaneta da porta. *Tenho de dar início ao meu dia. Logo tudo fará sentido.*

Então, pelo canto dos olhos, ela percebeu um vislumbre branco, e olhou, puramente por causa do reflexo. Oh, não, um retardatário.

Era uma menininha toda de branco, com uma fita no cabelo negro e comprido. Ela estava sentada, quase escondida no primeiro degrau da escada dos fundos. Quando os olhos de Kathy e os dela se encontraram, ela baixou os seus timidamente; depois, com um ar de desculpas, olhou de novo para Kathy. A menininha estivera chorando, e seus olhos ainda estavam molhados.

Durante alguns instantes nada se disseram e nenhuma delas desviou o olhar.

Kathy encontrou certa dificuldade em firmar a voz.

— Bem, e o que é que você ainda está fazendo aqui?

A menina devia estar prestes a chorar. Imediatamente seus grandes olhos piscaram, seus lábios tremeram, e ela baixou de novo a cabeça e irrompeu em lágrimas.

Kathy desceu apressada a escada, seus chinelos a raspar na madeira.

— Querida, você está bem?

A criança tentava desesperadamente controlar--se. Mas mal conseguiu dizer:

— Sim, obrigada.

Kathy chegou ao pé da escada.

— Você caiu nos degraus, ou coisa parecida?

Quase como um passarinho apavorado, a menina levantou-se rápido e se afastou. Depois de enxugar os olhos com os dedos, esfregou-os no vestido.

— Eu estou bem —. Suspirou fundo. — Eu só queria olhar.

Kathy sentou-se na escada, e fez um esforço consciente para suavizar sua voz e expressão. Ela não tinha nenhum desejo de apavorar a criança, e sorriu amavelmente.

— Olhar em quê?

A criança piscou, desfazendo-se de mais algumas lágrimas, e tentou impedir mais alguns soluços.

— Em você...

— Oh, ora, não chore. Está tudo bem...

Kathy estendeu a mão e tocou de leve o pequenino ombro, e sentiu a musselina branca e macia.

— Estou bem, de verdade — disse a menina.

Kathy não deu muita atenção às palavras da garotinha.

— Você não está ferida? — perguntou um pouco distraída.

A menina sacudiu a cabeça. Alguns dos longos cachos de seu cabelo roçaram a mão de Kathy. Kathy retirou a mão.

As palavras não vinham. Kathy continuou a olhar para a criança, e a criança a olhar para ela.

Bem, Kathy, diga algo!

— Bem... há algo que eu possa fazer por você?

Os grandes olhos castanhos pareciam cheios de saudade, e exploraram o rosto de Kathy enquanto a menina se controlava e respondia.

— Você acha que... — Hesitou, olhou para um lado a fim de conseguir mais forças, e continuou: — Eu podia, por favor...

Kathy sorriu consolando-a.

— Bem, o quê?

Os olhos castanhos encheram-se de resolução.

— Eu gostaria mesmo de almoçar com você, na sua casa.

Kathy sorriu.

— Oh, meu bem... — De um modo estranho, a idéia era convidativa. Mas não. Não podia ser. — Ouça, isso não compete a mim. Eu sou... bem, eu sou uma estranha para você. Você precisa ir-se embora e almoçar em sua própria casa, com sua própria família — Família. Kathy lembrou-se do que as outras crianças tinham dito. — Você mora perto daqui, não é?

— An-hã.

Kathy pôs-se de pé deliberadamente. Este encontro tinha de terminar.

— Assim, tudo bem, é para lá que você precisa ir. Deixe que seus pais tomem conta disto... — Ela não queria fazer a pergunta, mas fez. — A menos que você não tenha...

A criança olhou bem dentro dos olhos dela.

— Pode ser que sim.

— Pode ser que sim? — Kathy sentiu que a menina estava caçoando dela, provocando-a. — Bem, então por que você não vai para casa e certifique-se disso? Que tal?

Ela estendeu a mão para ajudar a menina se levantar, mas esperava que o gesto fosse suficiente. Ela não queria tocá-la.

A criança começou a afastar-se, não por medo, mas por obediência.

— Foi um prazer conhecê-la, Dona — disse ela.

— Foi um prazer conhecê-la, também, ah... — Oh, está certo, essas crianças não têm nome. Kathy suspirou e se voltou na direção das escadas.

— Tilly — disse a menina.

O pé de Kathy plantou-se no primeiro degrau e aí permaneceu. Sua mão apertava o corrimão. Ela não queria voltar-se. E se a menininha ainda estivesse parada lá? E se não estivesse?

Kathy olhou por cima dos ombros.

A menininha chamada Tilly ainda se encontrava lá, os olhos castanhos devolvendo o olhar de Kathy. A brilhante luz do dia brincava no vestido de musselina, que parecia resplandecer.

Kathy virou-se, esperando não afugentar a criança. A menininha parecia pronta para partir, se lhe mandassem, mas no momento, esperava, observando Kathy.

Kathy aproximou-se da menina, como se estivesse aproximando de um animal medroso, agachou-se ao seu lado, tocou-lhe de novo o pequeno ombro.

— Meu bem... — Era tão difícil falar. — Você podia me dizer... quem lhe deu esse nome?

— Não sei. Sempre me chamaram assim.

— E por que você queria olhar para mim?

Tilly, embaraçada, baixou os olhos, mas só por um momento.

— Sinto muito. Eu só queria olhar para o seu rosto.

E ainda estava olhando. Kathy não o percebeu, pois estava olhando para Tilly.

— Tilly... você sabe... quantos anos você tem?

— Penso que nove.

— Nove.

Kathy deu por si passando as mãos pelo cabelo negro e macio, limpo sob os seus dedos.

— E você quer mesmo almoçar comigo?

O rosto de Tilly iluminou-se com a possibilidade.

— Sim, por favor, se puder.

Kathy deu um suspiro de resignação.

— Bem... então eu realmente gostaria de ter o prazer da sua companhia para o almoço hoje. Você gostaria de vir?

Tilly assentiu com a cabeça, quase fazendo uma mesura.

— Seria um grande prazer, obrigada.

Kathy levantou-se e indicou a escada com a mão.

— Então vamos entrar?

Entraram juntas na casa.



Cinco

O cortador de grama urrava para cima, para baixo, em redor das sepulturas, descendo por uma fileira de túmulos, subindo por outra, enquanto o velho coveiro seguia o intrincado percurso feito havia anos. Talvez imaginando estar numa corrida de obstáculos, ele se sentia como um adolescente dirigindo uma supermáquina de corrida. Era tudo parte do prazer do seu trabalho, fazendo-o bem, à sua maneira.

Ele tinha prazer em ouvir o urro do motor, o bater dos pára-lamas, o zumbir das lâminas. Aos seus ouvidos sensíveis, todos esses ruídos diziam como a máquina estava-se saindo. Durante anos ele vinha mantendo o funcionamento dessa máquina velha como o de um bom relógio.

Mas agora... que som seria esse? Será que algo se estava afrouxando? Deve ser a correia da terceira lâmina. Que droga! Acabo de trocar essa coisa!

Lá estava o ruído de novo.

Ele desacelerou o motor, e deteve o cortador de grama a fim de ouvi-lo em marcha-lenta; o escapamento soltava pequenas nuvens de fumaça, como um contínuo toque de tambor. O que estaria errado?

— Alô! — veio o som. — Ei, você aí!

Oh, alguém está gritando!

Ele se voltou e viu um homem correndo por detrás, respirando com dificuldade, como alguém que se está afogando. Ei! Há quanto tempo será que ele estava gritando para mim?

— Olá! — disse o coveiro. — Uma linda manhã, não é mesmo?

Dan Ross finalmente o alcançou, ainda respirando com dificuldade, e estendeu a mão.

— Olá. Desculpe incomodá-lo deste modo...

— Ora, não se preocupe. Estou contente de que todo aquele barulho era você e não o cortador de grama. Oh, um momento.

Ele se abaixou e desligou o motor. De repente o mundo ficou mortal e estranhamente silencioso.

— Assim está melhor. Em que lhe posso ajudar?

— O meu nome é Dan Ross, e estive aqui em um funeral uma semana atrás.

Os olhos do velho se iluminaram.

— Oh, é claro! Foi você que enterrou o velho Frank Smith, não foi?

O homem causou uma boa impressão em Dan.

— Bem, sim, foi. Você tem uma memória e tanto.

— Oh, eu apenas presto atenção, nada mais. Se a gente vai trabalhar aqui, precisa saber onde as pessoas estão enterradas e quem são os recém-chegados.

— Bem, é isso mesmo. Então você poderá me ajudar. Estou tentando encontrar uma sepultura. Passamos por ela na semana passada, mas não consigo me lembrar exatamente onde ela estava.

— Qual era o nome?

— Tilly. Era só isso que dizia.

O coveiro não teve a menor dificuldade em se lembrar da sepultura e, assentindo com a cabeça, desceu do cortador de grama.

— Por aqui. Você escolheu uma que conheço muito bem. É o tipo de sepultura de que a gente não se esquece.

Dan seguiu o homenzinho através das fileiras de túmulos.

— Sim — disse ele — algumas destas sepulturas datam de 1800. São muito solitárias hoje; ninguém vem visitá-las. Agora, estas aqui são mais recentes... Eu mesmo conheci alguns dos finados. Aqui está Portia Weberly e aqui está Amos, marido dela. Eles eram donos da refrescaria da rua Wingate. Você já esteve lá?

— Bem, não, eu...

— Timothy Stewart, um rapazinho que foi morto no Vietnã. Eu conheço os seus pais, Gus e Molly. Gente boa. Estes lotes são para eles, bem junto do filho. Imagino que você não se lembra dos Blundquists, Henry e Irma?

— Os Blundquists?

— Oh, precisam de cuidado, olhe só para isso!

Dan procurou ser educado. Ele fez uma pausa a fim de determinar bem a situação das ervas daninhas.

O coveiro estava na sua frente.

— Sim, aqui. É este o que você procura?

Dan voltou-se dos Blundquists e apressou-se para o coveiro, que o esperava.

Lá estava, uma pequena pedra tumular, tão insignificante e tão facilmente perdida entre todas as outras — a não ser pelo coveiro que se lembrava.

— É esta aqui — disse Dan. Ele se sentiu um pouco constrangido em perguntar — O que você poderia contar-me a respeito dela?

O estado de espírito do coveiro mudou. Desta vez ele não se apressou a falar.

— Este foi um dos realmente tristes. Tilly não passava de um bebê, um pequenino bebê. Quero dizer, o caixão era quase do tamanho de uma caixa de sapatos. Sim, foi realmente triste.

— Bem... e os pais dela? Quero dizer, na semana passada vimos uma mulher aqui.

— Ah, a Sra. Mendonça.

— Você a conhece?

— Sei o nome dela, mas não me lembro como. Ela vem aqui toda primavera colocar flores no túmulo, firme como as estações.

— Então a mulher que vimos era ela.

— Um tipo estranho. Muito calada.

Dan lembrava-se da pobre mulher fugindo no que parecia puro terror.

— Ela pareceu um tanto tímida.

— Ela é tímida mesmo. Ela nunca me disse nada. Não sei quase nada a seu respeito.

— Você teria alguma idéia de como posso entrar em contato com ela?

O coveiro teve de pensar por alguns instantes.

— Acho que não... Pode ser que o nome dela esteja na lista telefônica...

— Pode ser que sim.

— Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa... Acho que será melhor você falar com a casa funerária primeiro. Parece que me lembro de que os irmãos Bendix estavam envolvidos neste caso.

— Bendix...

— Rua Medford nº 2203, na frente da igreja Batista, aquela com uma grande torre de sino de ferro.

— Oh, certo, humm.

— Sim, eles estiveram aqui naquele dia, tenho quase certeza. Seria melhor você falar com eles.

Dan não perguntou o motivo. Disse, apenas:

— Bem, muito obrigado — e estendeu de novo a mão.

O coveiro apertou firme a mão de Dan, sem tirar os olhos dele.

— De nada, Dan Ross. Prazer em servir. Dan virou-se e começou a andar.

O coveiro gritou para ele:

— Oh, ouça, se você vai começar a falar a respeito desse caso, poderia deixar-me de fora?

— Não se preocupe — respondeu Dan — mantereí sigilo. E obrigado novamente.

— De nada — respondeu o velho. Então ele olhou para a pequena pedra tumular e disse tranquilamente para si mesmo: — Prazer em conhecê-lo, Dan Ross —. Ele proferiu o nome de novo: — Dan Ross...



Seis

— Você já terminou? — perguntou Kathy à sua pequena e cerimoniosa convidada.

Tilly limpou delicadamente a boca com o guardanapo e respondeu:

— Sim, obrigada. Estava delicioso!

— Termine o seu leite.

Tilly obedeceu imediatamente.

Kathy se admirava de quão agradável havia sido o almoço. Não fora preciso cuidar da criança. Tilly era uma hóspede perfeita.

— Bem, levando-se em consideração que você é uma menina que pode ou não ter tido pais, seus modos são muito bons, Srta. Tilly.

— Obrigada. E a sopa e o sanduíche estavam excelentes!

O coração de Kathy ficou mais do que adequadamente aquecido.

— Muito obrigada.

Sentaram-se juntas num canto da cozinha. Foram momentos especiais; Kathy havia posto na mesa sua toalha predileta e seus melhores pratos e talheres. Simplesmente parecia a coisa certa a fazer.

— Você deve ser uma mãe maravilhosa, Sra. Ross.

— Bem...

— Bruce, Amy e Tommy acham que você é uma boa mãe?

— Oh, sim.

— Você almoça com eles também?

— Oh... bem, não com muita frequência. A maior parte do tempo eles estão na escola, e então sempre há muito o que fazer...

Tilly pareceu desapontar-se.

— Eu sempre haveria de querer almoçar com você, e jantar também.

Kathy deu uma risada.

— Bem, nem sempre as nossas refeições são tão bonitas como esta.

— Mas você estaria aqui!

Kathy emocionou-se. Olhando para aqueles grandes olhos castanhos que pareciam estar-lhe bebendo, não conseguiu pensar em nada para dizer. Era maravilhoso — e assustador. Ela desviou os olhos, verificando a hora...

O relógio da parede... não estava na parede.

— O que terá...?

Tilly alarmou-se.

— O que é, Sra. Ross? Qual é o problema?

Kathy olhou em torno do aposento.

— Não consigo encontrar o relógio.

— O que é um relógio?

— O que é um...? Oh... bem, é um... É como dizemos as horas.

— O que é isso?

Justamente quando as coisas estavam ficando mais confortáveis, agora isto. Ela tentou livrar-se da pergunta: — Oh, não importa —. E se levantou. — Você quer mais alguma coisa?

— Oh, nada mais para mim, obrigada.

Então Tilly alarmou-se de novo.

— Sra. Ross, você está bem?

Kathy estava olhando fixamente pela janela.

— Humm... sim, Tilly. Estou bem. Eu estava apenas olhando para fora...

— É lindo, não é mesmo?

Kathy foi à janela e Tilly juntou-se a ela. Lá fora o mundo havia mudado.

— Outrora havia um enorme castanheiro-da-índia ali — disse Kathy tranquilamente — e um banco para piqueniques, e nossa velha casa de cachorro, e nossa cerca... e a casa dos Cramers ao lado da nossa...

Agora só havia gramados verdes sobre colinas ondulantes, árvores altas com folhas a dançar, e flores, milhares de flores.

— Este não é o meu bairro — percebeu Kathy.

— Não — disse Tilly, com simplicidade — este é o meu bairro.

Kathy tocou a beirada da janela. Ainda era sólida.

— Esta é a minha casa.

— Sim. Eu gosto dela.

— Mas o que minha casa está fazendo em seu bairro?

Tilly perturbou-se.

— Você não deseja estar aqui?

Kathy fechou os olhos por uns instantes. Pelo menos por dentro das pálpebras ela tinha controle. Nada disto é real; estou sonhando ou algo parecido.

— Sra. Ross? — soou a voz de Tilly.

Um sonho. Está bem, Kathy, tudo isto não passa de um sonho. Você sabe como os sonhos podem ser estranhos.

— Sra. Ross?

— Humm? — disse ela.

— Qual é o nome do seu marido?

— Dan.

— Ele é um bom homem?

Kathy abriu os olhos e olhou para Tilly. Ela ainda se encontrava lá. Ela era real. Ela estava esperando uma resposta.

— Humm... bem, sim. Sim, ele é um homem muito bom.

Ela resolveu dar uma resposta melhor.

— Ele é um homem *maravilhoso*.

— Ele a ama muito mesmo?

Kathy respondeu com orgulho:

— Sim, muito mesmo, e eu também o amo.

Tilly recebeu essa resposta como a um presente, e seu sorriso iluminou o aposento.

— Com quem ele se parece?

Elas estavam conversando a respeito de coisas reais, e tudo parecia seguro.

— Oh, bem, deixe-me mostrar-lhe umas fotos. Vê ali dentro?

Kathy indicou com o dedo a sala de estar, e Tilly correu nessa direção. Os olhos de Tilly se maravilharam e se encheram de reverência, ao ver as muitas fotografias na parede, na mesa e no consolo da lareira.

Kathy mostrou-lhe uma foto grande de um lado da lareira.

— Este aqui é o meu marido.

Tilly estudou o rosto do homem, seus olhos, absorvendo-o pouco a pouco, com cuidado, uma porção de cada vez. A princípio sua boca se abriu de admiração, e a seguir, de alegria e satisfação, e ela irrompeu num sorriso, acenando com a cabeça sua feliz aprovação.

— Ele é muito bonito. Ele gosta de sorrir, não é?

— Oh, sim — disse Kathy, olhando cuidadosamente pela segunda vez o sorriso de Tilly.
— Foi essa uma das primeiras coisas que observei nele.

Tilly foi para outra foto, esta pendurada na parede.

— Oh... essa é *você*?

— Sim. Esta é a foto do nosso casamento.

— Seu casamento! — Tilly estudou o quadro por alguns instantes, e então olhou para Kathy e de novo para a foto. — Você é tão bonita!

O elogio deixou Kathy sem jeito.

— Oh...

— Eu nunca fui a um casamento, mas vou poder ir a um logo logo.

— Oh, verdade? — Kathy alegrou-se por perceber pelo menos um vislumbre de conversação normal acerca de algo normal que estava acontecendo ao redor. — Quem vai se casar?

— *Jesus* vai-se casar!

A resposta apanhou Kathy despreparada, mas ao mesmo tempo encheu-lhe de alegria.

— Oh, você conhece a *Jesus*?

— Oh, sim. Ele mora um pouco acima nesta estrada. Eu acho que ele é uma pessoa muito importante porque muita gente vai visitá-lo o tempo todo. Mas ele ainda tira tempo para brincar comigo e me contar histórias.

O normal havia durado pouco. Tilly passou para a foto seguinte.

— Oh... deixe-me adivinhar. Este é o Bruce? Kathy sentiu-se atraída, como se estivesse sendo arrastada.

— Oh, humm, claro, é ele. É a foto da sua formatura.

— Ele é bom como você, e como o Sr. Dan Ross?

— É sim. Ele cresceu e se tomou um jovem muito bom. E essa é...

— Amy, certo?

— Certo. Ela está no último ano de Ginásio. E esse é... — Kathy esperou pela sugestão de Tilly.

— Tommy.

— Certo. Ele está na oitava série.

Tilly quase dançava de emoção, correndo de uma foto para outra, estudando os rostos, olhando para Kathy e de volta para as fotos.

— Então... — aventurou-se Kathy. — Ah... *Jesus*... O que foi que você disse...?

Mas Kathy deixou a pergunta de lado. Tilly tinha parado imóvel no meio do cômodo, transfigurada, olhando para um grande retrato da família acima da lareira. Aí, com suas melhores roupas, apertavam-se, e toda sorrisos, a família Ross: Dan, Kathy, Bruce, Amy e Tommy. A criança levou a mão à boca.

Kathy falou suavemente, como se o momento de algum modo se tivesse tornado sagrado.

— Esses somos nós, todos juntos. Tiramos essa foto no mês passado.

— Todos vocês... juntos — repetiu Tilly.

Kathy, de pé ao lado de Tilly, olhou para o quadro. Talvez ela nunca antes tivesse olhado para ele por tanto tempo e com tanto cuidado. Todos os seus filhos tinham olhos muito brilhantes e castanhos; o sorriso deles era caloroso e alegre. Kathy baixou os olhos para Tilly

novamente. Ela esperava que a criança não percebesse seu olhar fixo.

— Você gostaria de se aproximar mais?

Tilly, sem desviar os olhos da foto, perguntou:

— Você acha que posso?

Kathy pegou uma cadeira, encostou-a na lareira e, tomando a mão de Tilly, ajudou-a a subir.

— Tudo bem?

— Sim. Obrigada.

Tilly, enquanto olhava para cada rosto, tocava de leve a armação. Ela detestava ter de piscar, mas precisou fazê-lo. Ela desviou o olhar só o tempo suficiente para enxugar os olhos com a manga da blusa.

Kathy podia ver o rosto da criança agora tão perto dos rostos da sua família. De repente a imagem embaçou.

— Não chore, Sra. Ross — soou a voz entrecortada de Tilly.

Kathy piscou, limpando as lágrimas, procurando uma desculpa.

— Bem, eu vi *you* chorar.

Tilly tentou sorrir mesmo tendo as lágrimas ainda a correr-lhe pelas faces.

— Não consigo impedir as lágrimas. Vocês todos são tão lindos.

Kathy correu a buscar um lenço. Entregou-o a Tilly e então amorosamente colocou a mão no ombro da menininha.

— Tilly — perguntou ela muito suavemente — onde está a *sua* família?

Tilly terminou de limpar o nariz e respondeu:

— Jesus cuida de mim.

Kathy tentou sorrir. Suas vistas estavam embaçando de novo.

— Querida, é claro que Jesus cuida de todos nós, mas...

— E de todos os meus amigos também.

— As outras crianças?

— An-hã.

— Mas... Tilly, quem são elas? De onde vieram?

Desta vez Tilly não olhou para o rosto de Kathy.

— Eu não sei. Acho que são todos como eu. Vieram aqui e não têm pais, e a maioria deles não tinha nome, e nada sabiam acerca de onde vieram.

— Tilly... — Kathy aproximou-se mais ainda. Será que ela olharia nos seus olhos? Tilly olhou para ela. — Você não sabe mesmo de onde veio?

Os olhos de Tilly foram de imediato para o quadro. Ela sorriu de novo.

— Sra. Ross, fale-me a respeito de Amy. É divertido conversar com ela? Ela gosta de brincar lá fora?

Kathy respondeu à pergunta só porque Tilly a havia feito.

— Amy sempre gostou de correr e de brincar desde pequenininha. Ela é um pacote de energia.

— O que ela gosta de fazer?

Então mudamos de assunto. Tudo bem.

— Bem... oh, o que ela *não* gosta de fazer? Ela gosta de esportes, gosta de nadar, de passear, de cantar e de pintar. Ela é uma excelente artista.

— Posso ver o quarto dela, Sra. Ross?

— Claro.

Kathy ajudou Tilly a descer da cadeira. Tilly estava pronta para fazer mais algumas explorações.

— Posso ver toda a sua casa, Sra. Ross? Posso ver o quarto de Amy, o quarto de Tommy e o seu quarto?

— Venha, levo você numa excursão.

— E o Tommy? Fale-me dele. O que ele gosta de fazer?

Encaminharam-se para o corredor, na direção dos fundos da casa onde os quartos tomaram a personalidade de seus ocupantes e cada detalhe representava uma preciosa história.

— Você gostaria do Tommy — disse Kathy, tentando satisfazer à curiosidade voraz da menina. — Ele é um menino e tanto. Ele é muito engraçado, sempre correndo por todos os lugares com todos os tipos de esquemas e projetos... Acho que ele será um atleta muito bom, como o irmão. É claro, eu diria que Bruce é um pensador mais profundo...

Tilly ouvia a tudo, e continuava a fazer perguntas.



Sete

Assim que Dan encontrou a funerária dos irmãos Bendix, lembrou-se de muitas vezes haver passado por ela sem lhe prestar atenção; era uma das muitas casas de negócio ao longo da artéria principal que atravessava a cidade. Dan tinha pensado ser a funerária maior, perto do centro, com uma fachada enorme, sebes altas e colunas brancas. Este pequeno edifício não era nada impressionante: baixo, de madeira, com vitrais nas janelas estreitas, e uma entrada de carro asfaltada ladeada de roseiras cuidadosamente podadas. Parecia mais com uma igreja de uma cidade pequena do que com uma funerária. Dan, na realidade, sentiu certo alívio.

Ele parou por uns instantes na porta da frente. Será que batia ou simplesmente entrava? Decidiu fazer ambas as coisas: bateu de leve e, entreabrindo a porta, bateu de novo e pôs a cabeça para dentro. Oh. A sala vazia parecia-se com o saguão de uma igreja. Entrou e fechou a porta com muito cuidado. Através de uma porta dupla e larga ele podia ver a pequena capela, calorosa, serena e convidativa, mas deserta.

No fim do saguão encontrava-se uma porta de aparência importante, de modo que Dan foi até lá e bateu de novo.

Um senhor idoso e distinto abriu a porta.

— Oh, olá — disse o homem. — Você é o Sr. Ross?

Ele tinha de ser o agente funerário; seus modos gentis e consoladores devem ter vindo com o terno escuro e os pequenos óculos de armação fina.

— Sim. E você é o Sr. Bendix, com quem falei no telefone?

O homenzinho sorriu, mostrando várias obturações de ouro.

— Ah, sim, sim! Queira ter a bondade de entrar!

O Sr. Bendix escancarou a porta, quase com um floreio, e Dan passou por ela com a sensação de ser um convidado de honra. Ele se perguntava se seria visto da mesma forma ao sair.

Bendix levou-o ao seu pequeno e asseado escritório, na realidade um cubículo perto da janela.

— Faça o favor de assentar-se. Gostaria de uma xícara de café?

Na realidade Dan não queira tomar café, mas respondeu:

— Oh, sim, obrigado.

— Com açúcar e creme?

— Ah... sem nada. Café sem doce, por favor.

O Sr. Bendix serviu o café de uma pequena cafeteira no canto.

— Agora... você disse algo no telefone sobre um enterro que podemos ter feito... oh, cerca de nove anos atrás?

— Sim... — Dan aceitou a xícara que o Sr. Bendix lhe estendia. — Obrigado. Não sei se vocês conservam os registros antigos, mas... — Dan sabia que o passo a dar era grande. — Eu gostaria de saber se você se lembra de um funeral de uma criança muito pequena.

O Sr. Bendix acomodou-se na cadeira e começou a pensar, voltando atrás no tempo. Acenou tristemente com a cabeça.

— Fizemos alguns desses. Eles são especialmente trágicos, muito difíceis.

Dan sentia-se como se estivesse pisando em ovos, mas continuou.

— Bem... eu estava pensando num enterro de uma criança, relacionado com o nome Mendonça. Uma mulher chamada Mendonça.

Bendix lembrava-se. Dan podia vê-lo no rosto dele.

O Sr. Bendix olhou para Dan, e a seguir para a escrivainha, e depois novamente para Dan.

— Permite-me perguntar qual é seu motivo em procurar essas informações?

Dan pressionou um pouco mais.

— Lembra-se dele?

— Oh, sim, lembro-me. Mas é preciso que você compreenda, Sr. Ross, que neste caso há algumas considerações éticas. Não seria correto violar a vida íntima da Sra. Mendonça.

— O *quê* o senhor pode me dizer?

Dan tentava ser gentil e educado, mas não podia ir embora sem as informações. Conservou os olhos fixos em Bendix.

O cavalheiro respondeu, desculpando-se.

— Se lhe dissesse alguma coisa, eu poderia estar cometendo um erro muito grave.

— Não estará cometendo erro algum.

O Sr. Bendix coçou o queixo e observou Dan por cima dos óculos.

— Está bem — disse ele. — Direi apenas o que acho que posso. Posso dizer-lhe que o enterro foi realizado no mês de abril nove anos atrás —. A seguir, à medida que começou a se recordar, seus olhos voltaram-se para o teto. — Sim, foi em abril. Ainda está bem vivo em minha recordação porque foi tão diferente... Foi diferente, e muito difícil.

Dan observava intensamente o Sr. Bendix. O cavalheiro parecia estar revivendo o evento. Recordando-se, o Sr. Bendix disse:

— Eu me lembro... O pastor da Sra. Mendonça procurou-nos e fizemos uns arranjos com ele. Os restos mortais nos foram trazidos no mesmo dia—. De súbito, ele parou e olhou firme para Dan, tentando ler os seus olhos. — Ser-lhe-ia surpresa descobrir que foi um caso muito estranho? Não havia certidão de óbito; não havia certidão de nascimento. Tratamos do caso com muito sigilo, como tenho certeza que o senhor há de compreender. O senhor percebe... —

Bendix estacou novamente. Encostando o rosto nos dedos compridos e nervosos, ele baixou os olhos. — Sr. Ross, a morte da criança havia sido intencional. Era muito pequena, e nem tinha chegado ao termo normal, e o corpo estava queimado e cheio de cicatrizes. Francamente fiquei quase sem saber o que fazer quando confrontado com uma coisa dessas, mas algo dentro em mim reagiu; senti que era a coisa certa a fazer, e que eu tinha de realizá-la.

— Encomendei um caixão especial, mas ainda assim era grande demais... — O Sr. Bendix tirou os óculos e esfregou os olhos, perdido na recordação. — E jamais me esquecerei do funeral. O ministro dirigiu um culto simples com uma breve mensagem, algumas palavras tiradas das Escrituras... E ainda me lembro dele de pé ao lado do pequenino caixão, e ninguém mais na capela a não ser... a Sra. Mendonça. Ela estava assentada na segunda fileira, vestida de preto, sozinha, chorando.

O Sr. Bendix pegou um guardanapo de papel e começou a limpar os óculos, sem verificar se precisavam de limpeza.

— Sr. Ross, este é o meu emprego, a minha profissão, dar consolo e servir às famílias na sua hora de tristeza e necessidade. Eu me importo, mas em geral não me envolvo emocionalmente com o que vejo naquela capela. Mas isto..., isto foi algo totalmente diferente, e jamais vi outro semelhante antes ou depois. Uma mulher... pôr fim à gravidez... e então chorar pela criança, e dar-lhe um funeral. Foi algo *muito* perturbador. Jamais me esquecerei disso.

O Sr. Bendix fez uma pequena pausa. Ele parecia estar saindo do encanto, voltando de suas recordações perturbadoras. Rapidamente recolocou os óculos.

— Sr. Ross — disse ele —, espero ter respondido a algumas das suas perguntas.

Dan tinha ouvido o suficiente. Ele não sabia bem o que dizer ao Sr. Bendix. Ele não tinha palavras nem respostas. Ele queria apenas afastar-se dali.

— Sr. Bendix... estou muito satisfeito com o que me disse. O senhor me ajudou muito —. Bendix fez uma leve inclinação da cabeça, e Dan continuou: — Acho que agora preciso do nome desse ministro, o pastor da Sra. Mendonça. Poderia partilhar comigo essa informação?

O Sr. Bendix não precisou procurar o nome. Ele o trazia na memória.

— O reverendo Michael O'Cleary. Ele oficia na Capela da Vizinhança, subindo nesta mesma rua, dois quarteirões à direita. Ele deve estar lá neste instante.



Oito

— Sra. Ross? Poderia segurar minha mão? Quero que a senhora segure a minha mão e caminhe comigo.

De pé, no ar refrescante e perfumado, Kathy tomou a mãozinha suave da menina. Com decisão firme, deu as costas para a casa e olhou para a paisagem inteiramente nova e perfeita que as cercava de todos os lados. Deu seu primeiro passo na direção desse mundo, ansiosa por vê-lo, aprender com ele, de algum modo partilhar da paz que o enchia. E continuou a andar, consciente de cada passo, a mão ainda na mão da criança, de algum modo sabendo que aquela casa, aquela linda casa suburbana, sua única ligação com o natural, com o dia-a-dia, com a rotina, não estaria lá se ela olhasse para trás. Ela estava passando de um mundo para outro, entregando-se a um sonho que era real demais para ser sonho.

A relva do prado acenava para ela suavemente e as flores saudavam-na balançando a cabeça. O caminho era suave debaixo dos seus pés, quente e confortável. Kathy aceitou a situação e apenas olhava, observava e aprendia.

As árvores que se erguiam acima delas eram fortes, os galhos maciços e expressivos, as copas altas, protetoras e convidativas. Havia pássaros por toda a parte, pequenos e grandes, todos vestidos de cores brilhantes, enchendo o ar com cânticos melodiosos e pousando nos galhos surpreendentemente perto para trinar a alegria que sentiam pelos visitantes.

Então Tilly, como se juntasse ao coro dos pássaros, começou a cantar numa tonalidade muito doce, o espírito falando através de uma melodia suave e alegre, na qual as notas rolavam e disparavam como crianças ao pé de uma colina. Ela cantava com ousadia, clareza e seus olhos dançavam, brilhando com a luz especial que enchia o lugar, e que parecia vir de todas as partes.

Kathy ouvia e observava; ela não dizia palavra e não fazia movimento algum que pudesse quebrar este quadro delicado e precioso. Isto era a bênção incorporada numa criancinha; isto era júbilo, vida e pureza. Aqui não havia tristeza. A dor encontrava-se distante.

Tilly terminou a canção e olhou para Kathy. Kathy podia sentir a mãozinha dela apertar a sua, e lá estava aquele sorriso de novo.

— Foi lindo, Srta. Tilly! Muito obrigada.

Tilly sorriu apenas.

— Você gosta muito de cantar?

— Oh, todo mundo canta por aqui.

— Foi o que percebi —. Então Kathy aventurou-se: — Você deve ser muito feliz aqui.

De repente Tilly teve um pensamento que tomou precedência a todos os demais.

— Sabe de uma coisa? Encontramos a maior árvore que já existiu, e ninguém ainda subiu até o topo dela. É isso o que vou fazer. Eu vou subir até bem no topo!

— Oh, tenho certeza de que você subirá. O que mais você gosta de fazer?

— Hum... Eu gosto de inventar histórias, como Jesus. Meus amigos e eu gostamos muito de contar histórias uns para os outros. Mas Jesus conta histórias melhor do que ninguém.

Kathy aceitou a afirmação. E acreditou nela. Tudo fazia parte do sonho — ou da realidade. Ela não ousava questionar qual das duas coisas seria.

O caminho desceu preguiçosamente para um pequeno vale, e podiam ouvir o sorridente ruído de um regato. Kathy podia ver o brilho dos borrifos através das árvores, e a seguir divisou o próprio regato, serpenteando pelo bosque, a luz refletindo-se de suas pequeninas ondas em milhares de cintilantes arco-íris.

Chegaram a uma ponte, uma ponte especial. Era pequena, arcada e... não feita de toras, tábuas ou trilhos. Era viva; havia crescido ali. As pontas estavam enraizadas no rico solo, e os corrimões eram enfeitados com folhas grandes e de um verde brilhante. Kathy teve de fazer uma pausa e dar uma boa olhada nesse fenômeno.

— Esta é a minha ponte predileta —, anunciou Tilly.

— Posso ver por quê.

— Vamos atravessar.

Kathy deixou que Tilly a puxasse por sobre a pequena ponte. Kathy, fascinada pela vista, estava observando a luz que dançava no regato.

E então ela viu as pedras no leito do ribeiro. Agora ela sabia que tinha de parar. Tilly puxava-lhe a mão.

— Espere, espere.

Tilly juntou-se a ela no corrimão.

— O que foi?

Kathy sabia que Tilly não se surpreenderia, mas não conseguia impedir seus próprios sentimentos.

— Tilly... lá embaixo, são jóias.

Tilly sorriu.

— Sim. São lindas, não são?

— Veja só aquele ouro... e aqueles rubis e esmeraldas...

— Venha mais para cá — disse Tilly, caminhando na frente. — Eu lhe mostrarei o meu lugar favorito.

Kathy seguiu a menininha. Desceram da ponte e subiram numa colina gramada que dava para o regato brilhante de jóias. Era um lugar ideal. O chão era quente e convidativo, a grama parecia um espesso tapete. Ao redor delas, a luz do arco-íris brincava nas árvores, e o som da

água enchia o ar. Sentaram-se, e ficaram em silêncio. Kathy queria ver tudo. Ela queria conhecer este lugar. Tilly deu-lhe todo o tempo de que ela precisava.

— Tilly..., é um lugar maravilhoso.

Tilly sorriu apenas.

Ver a menininha neste lindo ambiente suscitou de novo a pergunta.

— Tilly, você deve ser muito feliz aqui.

Tilly baixou os olhos e começou a brincar com os fiapos de grama.

— A maioria das vezes...

— Só a maioria da vezes?

Tilly olhou para longe, para além do regato, talvez na direção da casa que já não estava lá. Ela soltou um pequeno suspiro, e baixou os olhos de novo, dizendo suavemente:

— Eu quero ver a minha família, Sra. Ross.

Kathy ficou em silêncio por alguns instantes.

Tilly acabava de partilhar algo inestimável e especial.

Oh, Senhor, não me deixes ferir este coraçõzinho.

Ela ousou fazer mais uma pergunta.

— Então... você *tem* uma família?

Tilly não ergueu os olhos, mas continuou a brincar com a grama, pensando, sentindo. Então, finalmente, assentiu com a cabeça.

— Jesus falou-me a respeito deles. Mas não estão aqui.

— Ele lhe falou acerca dos seus pais?

— Sim.

Kathy sentiu-se como se estivesse a invadir o íntimo da menina, como se estivesse indo longe demais. Parte dela queria recuar, deixar que a criança conservasse os seus segredos.

Mas a pergunta saiu ao mesmo tempo em que Kathy se arrependia.

— O que foi que ele disse?

Tilly tentou olhar para Kathy, mas não pôde, e seus olhos novamente desceram para os fiapos de grama.

— Ele... me disse o nome deles, e me falou da aparência deles... e ele disse que vou vê-los um dia e que estaremos todos juntos.

Sua voz começou a tremer, mas ela, com resolução, proferiu as palavras.

— Mas às vezes... simplesmente não consigo esperar, quero tanto vê-los!

Mais uma pergunta, menininha? Apenas mais uma?

— Tilly...

Tilly levantou os olhos.

— Sra. Ross, estou realmente contente por ter vindo visitar-me. Gostaria que a senhora pudesse ficar aqui o tempo todo.

Kathy recuou.

— Queridinha... eu nem mesmo sei como cheguei aqui, mas sinto-me grata por ter vindo. Foi um prazer muito grande conhecê-la.

Tilly mexeu na grama, olhou para longe e, finalmente encontrando os olhos de Kathy, perguntou:

— A senhora acha que poderia me amar, Sra. Ross?

Nesse momento Kathy teria abraçado a menininha, mas não o fez. Não podia. Mas disse:

— Tilly... Eu sei que podia amar você.



Nove

O pastor Michael O'Cleary dá instruções a sua secretária: "Janet, por favor, anote as chamadas. O Sr. Ross e eu não devemos ser interrompidos."

Então ele suavemente encosta a porta do escritório, isolando o mundo, fechando-se com um homem muito quieto e perturbado.

— Gostaria de sentar-se, Sr. Ross?

Dan balbucia um obrigado fraco e, sem dizer mais nada, procura uma cadeira. O'Cleary puxa uma cadeira e senta-se perto dele.

— Alegra-me que tenha vindo, ah... posso chamá-lo de Dan?

— Claro.

O'Cleary inclina-se para a frente e diz com voz clara e tranquila:

— Dan... desde certo dia, nove anos atrás, tenho-me perguntado com frequência se esta reunião se realizaria. Obviamente era necessária a participação de outras pessoas.

— Acho que o senhor sabe por que estou aqui.

— Bem... parece que temos uma amiga comum. Anita Mendonça?

Dan deu um sorriso fraco e assentiu com a cabeça.

O'Cleary devolveu-lhe o sorriso, tentando deixá-lo à vontade.

— A Sra. Mendonça é membro da minha congregação. Ela falou comigo a seu respeito. De fato, foi esta semana. Ela ficou muito perturbada com um encontro casual que teve com você e com a sua esposa no cemitério.

Dan afunda a cabeça em uma das mãos.

— Prossiga. Ouvirei.

— Você se lembra de Anita?

— Quase nada. Acho que não passou de um palpite. Apenas pensei que tinha de ser...

— Bem, ela se lembra de você e de Kathy extremamente bem. Ela simplesmente não sabia o que dizer quando os encontrou ao lado da sepultura. Ela se sentiu muito mal por ter corrido, mas... achou que nada havia que pudesse fazer.

Dan olha para o ministro e reafirma sua decisão. Ele tem certeza de saber a resposta no instante mesmo em que faz a pergunta.

— Ela é enfermeira?

O'Cleary continua com o jogo.

— Sim, ela é enfermeira.

— Ela já trabalhou na Clínica de Planejamento Familiar da rua Bedford?

O'Cleary faz uma pequena pausa para efeito.

— Nove anos atrás.

Dan pára de falar. Ele está espantado demais para continuar.

Então, fazendo um esforço, ele solta os seus sentimentos, e as lágrimas começaram a cair, quentes contra o seu rosto, finalmente libertas, depois de tanto tempo.

O'Cleary põe a mão nos ombros de Dan. Este não diz nada, mas sente o consolo do toque do ministro, e se alegra.

— Nunca falamos a esse respeito — diz Dan. — Eu sabia que ela estava sofrendo. Eu também estava, mas é que... é grande demais, apavorante demais, que a gente não quer nem tocar. Tentamos enterrá-lo na esperança de que desaparecesse. Em nove anos não tocamos nem uma vez no assunto. Falávamos de tudo; sempre sabíamos o que estávamos pensando. Mas agora não sabemos. É como uma regra para nós.

— Até aquele dia no cemitério.

— Aquele encontro afetou Kathy. Ela não consegue dormir de noite, não quer falar comigo nem com as crianças, ela... simplesmente não é dona de si mesma. Eu sabia que tinha de ser aquela pedra tumular. Eu não sabia por quê... ou talvez soubesse mas não queria admiti-lo... Mas tinha de chegar ao início e ter certeza —. Dan enxuga os olhos e encara O'Cleary de frente.

— De modo que tenho razão? Essa criança é... essa criança é...?

O ministro afirma-o clara e firmemente.

— Dan, Tilly é sua filha —. Então faz uma pausa, pensando se deve continuar ou não.

— Continue —, pede Dan.

— Nove anos atrás Anita trabalhava aqui. A filha de vocês era muito forte, e ainda estava viva depois do aborto.

Dan quer ouvir o resto; quer ouvir tudo. O'Cleary, com voz suave, conta a história.

— Ela... lutou pela vida durante mais ou menos uma hora até que finalmente faleceu nas mãos de Anita. Anita levou a criança naquele dia e jamais voltou à clínica.

— Era o desejo de Anita que essa... menininha... tivesse um enterro cristão, assim... eu realizei o culto fúnebre e ajudei a pagar as despesas.

— Agora, toda primavera, no aniversário da morte da criança, Anita vai colocar flores no túmulo e chorar. Certa vez ela me explicou a situação. Suas palavras foram: "Se eu não chorar por Tilly, quem o fará? Quem se incumbirá de preservar a sua memória?"



Dez

Kathy e Tilly tinham apanhado alguns frutos deliciosos; Tilly havia cantado algumas canções, e até mesmo contado uma história para Kathy. Estavam-se divertindo imensamente.

Mas agora havia silêncio. Estavam sentadas na colina gramada sob a luz quente e confortável, e estavam caladas. Tilly estava sentada numa baixada com as costas contra uma árvore; era uma cadeira de descanso perfeita, provavelmente feita justamente para uma criança igual a ela. Kathy estava perfeitamente à vontade na grama macia, e tudo o que podia fazer, minuto após minuto, era olhar para a criança. Nenhuma delas dizia nada.

Talvez seja por não haver sobrado assuntos seguros e fáceis, pensava Kathy.

Menininha, você sente o que sinto neste instante? O que se está passando nesse seu coraçãozinho? Se tão-somente você dissesse alguma coisa, se tão-somente eu soubesse o que você está pensando, o que está sentindo de verdade. Tilly... não me tranque de fora.

— Tilly...

Os olhos castanhos olharam avidamente na sua direção.

Comecei, pensou Kathy, tenho de prosseguir, tenho de terminar.

— Hum... — Oh, como é que digo isto? — Será que não há algumas coisas que nós duas estamos com medo de dizer? Quero dizer, estou com medo de que haja coisas sobre as quais você não queira falar... Mas, então, talvez *você* esteja com medo de haver coisas sobre as quais *eu* não queira falar —. Tilly escutava. Ela parecia compreender. — Bem, o que estou tentando dizer é... se você não se importar, eu também não me importo. Eu *quero* falar sobre essas coisas —. Vamos, Tilly, diga que concorda. — Queridinha, não sei por quanto mais tempo estaremos juntas assim. E se jamais tivermos a oportunidade de dizer o que realmente estamos pensando?

Tilly endireitou-se.

— Eu penso que isso seria horrível, Sra. Ross.

— Precisamos conversar sério. Você acha que podemos fazer isso?

— An-hã.

— Tilly... você tem uma mãe... em algum lugar.

— Sim, senhora. Tenho.

— E algum dia... você vai vê-la novamente. Jesus lhe disse isso.

— E eu quero vê-la, Sra. Ross. Quero muito mesmo.

Kathy suspirou profundamente, tentando acalmar-se.

— Você quer mesmo vê-la?

— Sim.

— Mas... como você acha que se sentirá? Você acha que podia estar com raiva dela? Você acha que podia sentir amargura por ela a ter enviado para este lugar sem nem mesmo lhe dar um nome?

Tilly pareceu preocupada com os sentimentos de Kathy.

— Mas, Sra. Ross, não dói mais. Eu amo minha mãe.

— Você a ama? E você não está com raiva dela?

Tilly sorriu, e seu rosto era cheio de paz.

— Eu só queria vê-la. Penso nisso o tempo todo.

— É mesmo? Sobre o quê você pensa?

Tilly olhou para o espaço, imaginando o momento.

— Ver o rosto dela. Sra. Ross, quando eu vir a sua face, eu vou olhar e olhar e não vou parar até conhecê-la bem e jamais poder esquecer-me dela. E descansarei no seu colo também; sempre quis fazer isso.

Tilly levantou-se e se encostou à árvore, absorta em seus pensamentos.

— E então... então poderíamos dar passeios, e eu lhe mostraria os meus lugares prediletos... e então ela poderia explicar coisas para mim, ela só, de modo que sempre me lembrarei que as aprendi com minha mãe. Minha mãe, somente minha!

— E sabe o que mais? Talvez ela pudesse fazer um vestido para mim, e dar um ponto aqui e ali até que ele me servisse perfeitamente, e pentear meu cabelo, e mostrar-me como usar flores, e como pular... e talvez me ensinasse mais algumas canções, as canções que ela cantava quando era pequena.

Tilly chegou-se para mais perto.

— E eu lhe diria que ela pode me abraçar. Não me doeria mais com ela aqui, mas gostaria que ela me abraçasse apertado. Gostaria que ela estendesse uma colcha aconchegante na minha cama, e me pusesse para dormir, e me contasse histórias. E então poderíamos orar juntas, assim como sempre quisemos.

Tilly baixou os olhos e começou a mexer com as dobras do vestido.

— Isso seria muito bom mesmo. De vez em quando eu ainda choro, mas só quando estou sozinha, e sempre pergunto como seria ouvir os passos suaves de minha mãe no corredor e saber que ela estava lá ouvindo, e vindo para me confortar. E sempre quis saber...

A voz dela se quebrou, e seus grandes olhos se encheram d'água e de uma tristeza profunda.

— Sempre quis saber que nome ela me teria dado. Eu sempre quis ter o meu próprio nome, aquele que ela me teria dado, saído do seu coração.

Kathy não queria perturbá-la. Ela tentava conter suas próprias lágrimas; tentava não

chorar.

Tilly ergueu a cabeça, os pequenos punhos se fecharam, ela olhou para as árvores com os olhos cheios de lágrimas, e suplicou: "Oh... mamãe... por favor... me queira! Por favor, me pegue e me deixe ficar com você! Eu sempre amei você, e se a tivesse comigo agora, eu não haveria de querer nada mais. Você é a minha mãe. É só o que sei. É só o que compreendo, e... é tudo o que desejo."

— Oh, Tilly! — O clamor explodiu da alma de Kathy, procurando a criança. — Tilly... — Ela não conseguia falar por causa da sufocante emoção. Ela não conseguia ver através das lágrimas. — Não sei como vou poder dizer isto...

Tilly olhava-a de frente. Diretamente. Os olhos castanhos encontraram-se com os seus. Havia uma alma nesses olhos, um espírito anelante estendendo-se.

— Mamãe... — Clamou a menininha, e o coração de Kathy deu um pulo. — Por favor, poderia me abraçar?

Os braços de Kathy se abriram; não ouviriam mais pensamentos nem debates, não mais hesitações ou dúvidas. Abriram-se de todo, desnudando-lhe o coração, a alma.

E Tilly estava lá.

Estou abraçando uma criança. Uma criança de verdade. *Minha* filha.

Aceite-o, Kathy. Creia nisso. Simplesmente creia nisso.

Kathy sentiu a musselina macia sob as mãos e o cabelo negro contra o rosto.

— Tilly... — disse ela suavemente. — Preciosa... sinto muito... sinto muito mesmo...

O rosto molhado de Tilly apertava-se contra o seu. Kathy podia ouvir a vozinha doce sussurrando perto do seu ouvido:

— Não chore, mamãe. Está tudo bem. Está tudo bem.

— Perdoa-me... por favor...

— Eu a perdôo.

— Perdoa-me.

— Eu a perdôo, mamãe. Eu a amo. Não chore.

Perdoada. Perdoada. Uma lança envenenada e pontiaguda retirou-se da alma de Kathy. Ela podia senti-la saindo; ela quase tombou de alívio, e apegou-se a Tilly para não cair.

Minha filha. Minha filha.

Lenta, inesperadamente, chegou um tremor, uma entrega, e, finalmente, por sua própria força e vontade, um clamor da profundidade do seu íntimo que não podia ser contido. Com outro fôlego, o grito se transformou num gemido, um dilúvio de crescente angústia, tristeza e remorso, tudo despejando junto, drenando-lhe o coração. O dilúvio transformou-se em lamento, longo e alto, fluindo da alma de Kathy como uma canção muito particular, cuja melodia se elevava e caía junto com a angústia do seu coração. A canção aumentou, tecendo acordes sobre acordes num longo crescendo, à medida que a floresta cantava uma melodia tranquila com seus próprios anelantes suspiros.

Só a floresta podia ouvi-la; suavemente, recebeu os seus gritos e levou-os para longe nas asas da brisa. Nada quebrava o momento; não a apressava o sentido de tempo. Ela estava livre para chorar, para embalar nos braços esta menininha enquanto a floresta as abraçava, a suave luz as acalmava, e o regato cantava segurança. Havia paz, o suficiente para cobri-las e protegê-las, até que o coração de Kathy se libertasse.

Assim, muito tempo depois, tendo-se gastado em lágrimas, em purificação, em restauração, o lamento começou a se dissolver, a misturar-se tranquilamente com os outros sons da floresta. A cabeça de Kathy caiu e seu corpo se descontraiu. Tilly fez um pequeno movimento. Kathy afrouxou o abraço pela primeira vez e percebeu que seus braços doíam.

Mal conseguia falar.

— Oh, Tilly... não posso acreditar que a estou abraçando. Eu pensava que você jamais me deixaria abraçá-la.

— Eu não sabia que você queria me abraçar.

— Oh, eu quero. Quero de verdade.

Tilly conservou os bracinhos em torno do pescoço de Kathy.

— Não me solte. Esta é a primeira vez que minha mãe me abraça.

Kathy deu-lhe um novo aperto, a fim de transmitir segurança.

— Tilly, há quanto tempo você sabe?

Tilly afastou-se só o suficiente para olhar nos olhos de sua mãe, o rosto cheio de maravilha e deleite.

— Acho... acho que sempre soube que era você. A primeira vez que a vi, eu simplesmente fiquei sabendo que você era minha mãe!

— Então... é por isso que você estava chorando?

— Eu não podia evitá-lo, mamãe. Simplesmente não conseguia evitá-lo. Eu estava vendo você de verdade. Eu sempre quis saber qual era a sua feição. Tudo o de que conseguia lembrar-me era o som da sua voz.

Os olhos de Kathy inundaram-se de novo. Tilly tocou-lhe o rosto.

— Você está feliz, mamãe?

Kathy afirmou com a cabeça e piscou, afastando as lágrimas.

— Oh, sim, Tilly. Estou muito feliz.

— Eu também.

— Senti tanta saudade de você. Mesmo quando tentava não pensar sobre isso, em meu coração sempre senti a sua falta.

— E eu sempre senti saudades de você.

— E então... quando você me disse o seu nome... Tilly, bem no íntimo do coração, durante nove anos, sempre a conheci com esse nome. Esse é o seu nome.

Tilly ficou muito alegre ao ouvir isso.

— E eu o conservarei. Obrigada, mamãe.

Kathy puxou-a para si, abraçando-a com força novamente.

— Oh, não há de que... Tilly.

Permaneceram juntas na colina coberta de grama, por ora sem plano algum. Ficariam aí por muito tempo.



Onze

Dan, na frente do pequeno bangalô, nervosamente arrumava a gravata e o paletó. Na avenida, o tráfego do final da tarde rugia na direção de casa. O pastor O'Cleary bateu de leve na porta, que se abriu imediatamente.

Bem, lá estava ela. Depois de nove anos Dan ainda se lembrava do seu rosto.

— Olá, Pastor — disse ela.

O'Cleary olhou para Dan.

— Anita Mendonça, gostaria de apresentar-lhe Dan Ross.

Ela estendeu a mão.

— Olá, Sr. Ross.

Ele pegou a mão dela nas suas e olhou nos seus profundos olhos castanhos, seu rosto macio e compassivo.

— É uma honra conhecê-la. Obrigado por nos convidar.

— Por favor, acabem de entrar!



Doze

Lá atrás, entre as árvores, correndo por um caminho invisível através dos cipós e flores, uma mãe e sua sorridente filha gritavam e gargalhavam, brincando juntas como se sempre o tivessem feito, como se isto fosse a coisa mais natural do mundo.

— Vamos, cante você! — veio o desafio de Kathy.

— Está bem, mas você também tem de cantar! — disse Tilly em tom de brincadeira.

— Oh... — disse Kathy, tentando recuperar o fôlego. — Vejamos, onde começamos?

Tilly sugeriu um começo, e estas duas residentes invisíveis da floresta ergueram as vozes num dueto feliz e vibrante.

Então Tilly gritou:

— Aposto uma corrida até aquela árvore!

— Oh — gemeu Kathy — você vai me cansar!

Os arbustos tremeram, a grama chiou, os passos delas ressoaram floresta adentro...

E lá vieram, descendo uma colina, pescoço a pescoço, os bracinhos de Tilly girando como um moinho e Kathy tentando não cair.

— Ei, não tão rápido! — Protestou Kathy sorridente.

Tudo o que Tilly podia fazer era gritar.

Tilly chegou primeiro à árvore, deu uma volta, e então se enrodilhou na grama, desaparecendo por entre os fiapos altos, ficando de fora só os braços e os pés. Kathy chegou à árvore, contente de que a corrida houvesse terminado. Ela segurou na árvore, ofegante, mas toda sorrisos.

A cabeça de Tilly brotou da grama.

— Você corre muito bem, mamãe!

Kathy deu uma gargalhada.

— Bem, agora você sabe onde conseguiu essas pernas ágeis!

Então ela pensou nas flores, naquelas miríades e miríades de flores sorridentes e bamboleantes ao seu redor, e do mais profundo e belo roxo que ela já tinha visto.

— Oh... — disse ela, à medida que lhe ocorreu uma idéia. — Tudo bem, sei que não posso deixar de fazer isto.

Tilly ficou curiosa.

— Fazer o quê?

Kathy começou a apanhar flores diversas, procurando cuidadosamente as que queria.

— Aqui. Quero mostrar-lhe como colocar estas flores no seu cabelo.

Tilly estava arregalada de emoção.

— Você vai-me tornar bonita, mamãe?

— Você já é bonita, querida. Aqui, sente-se.

Tilly encontrou uma pedra e sentou-se com a cabeça para a frente, as costas retas. Ela estava pronta.

Kathy tirou um pente do bolso e começou a explorar as possibilidades das longas tranças de Tilly.

— Esperei tanto por este momento.

Tilly contorcia-se de emoção.

— Nunca fiz isto antes.

— Bem, fique quieta agora. Como o seu cabelo é espesso! Você é igualzinha a seu pai.

— Amy põe flores no cabelo?

— Hum, sim, principalmente na primavera. Mas ela já fez muitas coisas diferentes com ele.

— Bem, quando você voltar, podemos estar todos juntos e ensinar uns aos outros todos os tipos de coisas.

Kathy deixou esse pensamento passar. Tudo o que ela queria era pentear o cabelo da filha.

— Vamos penteá-lo deste lado. Eu quero ver suas bochechas rosadas.

— Não posso esperar para ver Amy e saber tudo acerca de como ela pinta.

— Bem, isso acontecerá quando acontecer... O que importa agora é que estamos juntas.

— An-hã. Eu só gostaria que pudéssemos ficar juntas mais tempo.

Tilly, não se intrometa no meu sonho!

— Queridinha, não precisamos falar a respeito disso agora.

Tilly tentou virar a cabeça.

— Mamãe... temos de falar.

Kathy não lhe deu atenção.

— Fique quieta. Estou criando uma obra-prima!

Tilly ficou quieta enquanto Kathy colocava flores no seu cabelo. Tilly e as flores tinham sido feitas uma para a outra.

Mas Tilly insistiu.

— Mamãe, eu tenho de lhe dizer uma coisa.

— O que é?

Tilly disse algo. Kathy apanhou algumas palavras, mas não todas. Outro som tinha-se intrometido entre elas, outra voz.

— Tilly, o que foi que você disse?

— Mamãe, por favor, jamais se sinta mal de novo. Lembre-se de que Jesus...

A outra voz surgiu de novo, abafando as palavras de Tilly.

Kathy fez uma careta e sacudiu de leve a cabeça. A voz perturbava e irritava.

— Tilly, sinto muito, mas não ouvi o que você disse.

Tilly falou séria.

— Jesus perdoou você muito tempo atrás, e você precisa saber disso. Por favor, não se sinta mal outra vez.

Kathy olhou para aqueles lindos olhos.

— Tilly, você sabe que é tudo para mim.

Aquela voz de novo: "Kathy.. querida..." Era Dan! Dan a chamava!

Kathy tapou os ouvidos com as mãos: "Oh, pare, pare com isso!"

Tilly estava desesperada. Ela tinha de dizer algumas coisas, ela tinha de fazer que sua mãe a ouvisse.

— Mamãe... ouça! Olhe para mim!

A voz de Tilly estava tão abafada; Kathy podia ver a filha, mas...

— Fale mais alto, Tilly! Não consigo ouvi-la!

As mãozinhas estenderam-se para ela. Kathy tentou pegá-las nas suas, mas estavam tão distantes. Ela tateava, tentando agarrá-las.

— Mamãe — disse ela — lembre-se sempre de que a amo.

Dan chamou de novo: "Kathy, acorde..."

Kathy estendeu os braços, quase atirando-se para a frente. Ela encontrou as mãozinhas e segurou-as firmemente.

— Pegue as minhas mãos, Tilly! Não as solte!

As flores do prado estavam excitadas. Balouçavam freneticamente. Cuidado, pareciam dizer, cuidado, alguma coisa vai acontecer! Soprava um vento frio, rugindo nos topos das árvores. Tilly segurou com força as mãos da sua mãe.

— E sempre se lembre de que não sofro mais.

Kathy descobriu que estava gritando, com medo de que a criancinha não a ouvisse.

— Você não sofre... Tem certeza?

A voz de Tilly parecia vir do outro lado de uma janela espessa. A luz ao seu redor estava esmaecendo e transformando-se no cinza ameaçador de uma tempestade que se aproximava. O vento sacudia a floresta, trazendo dificuldade, barulho e confusão.

— Não sofro mais! Sou feliz aqui!

A voz de Dan parecia vir do céu, como um trovão distante: "Kathy... é ora de acordar!"

Ela olhou para o céu tempestuoso e gritou para o vento: "Não! Não! Eu não quero partir!"

Tilly puxava-lhe as mãos, implorando com sua pequenina voz que agora parecia tão distante:

— Você tem de ir, mamãe. Bruce e Amy e Tommy e Papai... todos eles precisam de você. Mamãe, não posso estar com você agora, mas tudo ficará bem. Esperarei por você. Eu a amo, mamãe. Eu amo a todos vocês.

A voz de Dan estava muito perto agora: "Kathy... Vamos, querida, acorde."

Kathy amparou os olhos com as mãos e olhou para Tilly. A imagem de sua filhinha se afastava, desbotando-se, transformando-se em névoa cinzenta e difusa. Oh, por favor, Senhor, permita-me vê-la uma vez mais.

— Deixe-me ver o seu rosto, Tilly! Deixe-me ver as flores!

Lá estava ela, distante, mas sorridente, acenando, o cabelo do jeitinho que Kathy o tinha penteado, as flores brilhantes e perfeitas.

Tilly chamou através do abismo sempre crescente.

— A vida não é tão comprida assim. Você me verá. Eu deixarei que me abrace o tempo que quiser, e nunca mais terá de chorar!

— Você está linda!

— Sempre guardarei estas flores, mamãe!

Seriam as nuvens que lhe cobriam o sonho que desbotava, ou seriam as lágrimas dos seus olhos que embaçava a visão final de sua filhinha? Essa preciosa visão estava quase apagada agora. A distância a estava engolindo.

— Dê-me um grande sorriso! Deixe-me vê-la agora!

Lá estava o sorriso de novo. Uma mãozinha acenava. Uma voz distante e melódica chamava.

— Eu a amo, mamãe! Eu a amo!

Kathy podia sentir uma mão tocando-lhe o ombro, o calor dos cobertores, o aroma de um quarto familiar. Ela ouviu mais um apagado "Eu a amo", e então uma voz que era mais real, mais presente.

— Kathy...

Com um sobressalto, ela despertou. A luz inundou-lhe os olhos. Sua mente registrou informações. O teto. A cama. Dan.

Ela se sentou de repente. O sonho se esvaía. Não permaneceria. Seus olhos lhe contaram verdades duras: a maravilhosa luz tinha desaparecido das janelas... o quintal estava em silêncio... o relógio estava lá, diligentemente lembrando-a de que era tarde. Seu marido, seu

marido amoroso, estava ao seu lado, acalmando-a com a mão, confortando-a com a voz.

Sonho, por favor, não se vá. Não seja apenas um sonho. Faça parte de mim para sempre. Viva em minha mente, seja real em meu coração. Não me deixe.

Mas lenta e deliberadamente ele partiu, e ela estava acordada. Ela começou a chorar.

— Ei, Kathy — disse Dan suavemente — está tudo bem. Sou eu. Você está bem. Você está aqui no seu quarto. Está tudo bem.

Ela tentou parar de chorar e correu os olhos pelo aposento para certificar-se de que tudo era tão real quanto parecia. Era.

— Bem... — admitiu ela, afinal — acho que todos nós temos de despertar algum dia, não é?

— Por que você está chorando?

Kathy ainda podia sentir no coração a dor da perda. Essa era bastante real.

— Eu estava sonhando. É só isso.

— Você esteve dormindo o dia todo. Deve ter sido um sonho e tanto.

— Oh... não foi nada... — Não, Kathy agora era diferente. As coisas iam ser diferentes. — Não passou de um sonho! Dan, quero contar-lhe o sonho. Precisamos conversar...

— Conversaremos. Conversaremos. Prometo.

— Não. Agora mesmo.

Dan inclinou-se e estendeu a mão para ajudá-la a sair da cama.

— Temos uma visita. Ela quer vê-la.

A própria idéia parecia absurda.

— Dan, olhe para mim! E não posso ver ninguém!

Ele apenas sorriu.

— Tome o tempo necessário. Valerá a pena, prometo.



Treze

Descendo o corredor, a caminho da sala de estar, Dan segurou Kathy contra o peito e só teve tempo para dizer uma frase.

— Depois disto, vamos tirar algum tempo para conversar.

Kathy acreditou nele. Algo havia mudado enquanto ela dormia.

Entraram na sala de estar, e por apenas um instante o sonho voltou. Ela podia senti-lo, percebê-lo, lembrar-se dele.

Tinha de ser esta mulher que agora se levantava do sofá para cumprimentá-la. Seria ela real? Aquele momento no cemitério podia ter sido parte do sonho, mas... não. Esta era aquela mulher, sorrindo timidamente, estendendo a mão.

— Sra. Ross?

Kathy tomou a mão da mulher nas suas e olhou para aqueles olhos escuros. Eu a conheço. O sonho foi real, para mim. Ainda está comigo.

Anita Mendonça perguntou:

— Você se lembra de mim?

Kathy segurou firme a mão dela.

— Por que... por que você a chamou de.. Tilly?

Anita sorriu timidamente.

— Bem... ela... se parecia com Tilly.



Quatorze

Era um dia primaveril. A mesma antiga primavera. Podia ter sido outro funeral, este pequeno agrupamento isolado de pessoas na vasta expansão verde do antigo cemitério. Mas era uma reunião.

Dan estava lá, segurando Kathy próximo a si, e sentindo com ela uma intimidade mais profunda do que nunca. Bruce estava lá; ele não teria faltado por nada no mundo. Amy não conseguia conter as lágrimas de alegria — finalmente havia encontrado de novo sua verdadeira mãe. Tommy não compreendia tudo, mas prestava atenção; algum dia teria significação para ele.

Anita estava lá, passada sua estação de luto. Ela os havia conduzido ao sepulcro e logo, com um beijo e uma bênção, os deixara a sós.

E Kathy permaneceria lá um longo tempo, sentada na grama macia, lembrando-se daqueles grandes olhos castanhos, daquela risada brincalhona, e daqueles braços amorosos. Ela pensaria naqueles momentos ao lado do ridente regato, e veria aquelas árvores altas e protetoras de novo; quando a brisa soprava do jeito certo, voltava-lhe o cheiro daquelas distantes flores roxas.

E ela choraria em silêncio, nesta e em todas as primaveras, por todas as crianças que não tinham nome, nem pais, que ainda viviam embora jamais tivessem nascido.

Mais que tudo, ela choraria pela filhinha que não conheceu, e daria expressão ao que sempre soubera: "Tilly, eu a amo."

Mas agora o seu coração estava em paz, e essa paz era dela para sempre. Ela só queria recordar.

Apenas recordar.

Fim